

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n1.010



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A ORIGEM DO TERMO APÓSTOLO NO CONTEXTO NEOTESTAMENTÁRIO

### The origin of the term apostle in the neotestamentary context

Aulus Argollo<sup>1</sup>

#### RESUMO

O escrito deste artigo apresenta o conceito do apostolado bíblico, a fim de verificar sua pertinência e aplicação na estrutura organizacional de comunidades eclesiais. Os apóstolos se caracterizam por altruísmo, foco na expansão do Reino de Deus e em uma abordagem não autoritária nas igrejas locais, em consonância com os princípios do Novo Testamento. A problemática eleita levanta a seguinte questão: Será que o conceito de apostolado bíblico no processo de organização e orientação das práticas ministeriais é aplicado pelas igrejas locais? Para desenvolver os principais eixos argumentativos que sustentam este estudo, recorreu-se aos aportes teóricos que desenvolvem sua linha argumentativa em defesa ou não da prática do apostolado. O resultado que se alcança sobre ter cautela no uso do termo “apóstolo” na era moderna é a influência de abusos e mal-entendidos, enfatizando a necessidade de um entendimento bíblico e autêntico do apostolado.

**Palavras-Chave:** Apóstolo. Missões. Reforma. Redes apostólicas.

#### ABSTRACT

This article presents the concept of biblical apostolate in order to verify its relevance and application in the organizational structure of ecclesiastical communities. The apostles are characterized by altruism, a focus on expanding the Kingdom of God and a non-authoritarian approach in the local churches, in line with the New Testament principles. The chosen problem raises the following question: is the concept of biblical apostolate in the process of organizing and guiding ministerial practices applied the by local churches?

<sup>1</sup> Mestrando em Ministério. Participante do Grupo de Pesquisa Formação Ministerial e Ensino Bíblico - FORMEB. Pastor da Church of New England, Church Planter, Computer Engineering. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6638-3259>. E-mail: [aulusargollo@gmail.com](mailto:aulusargollo@gmail.com)

In order to develop the main lines of argument that base this study, theoretical contributions that develop their line of argument in defense or not of the practice of the apostolate were consulted. The result that has been achieved about being cautious in the use of the term “apostle” in the modern age is the influence of abuses and misunderstandings, emphasizing the need for a biblical and authentic understanding of apostolate.

**Keywords:** Apostle. Missions. Reformation. Apostolic Networks.

## INTRODUÇÃO

A proposta do artigo elege como objetivo conceituar e contextualizar historicamente o uso do termo apóstolo no Novo Testamento, assim como seus desdobramentos, para, a partir daí, buscar encontrar uma definição bíblica de apostolado. A relevância desse esforço reside no fato de que o apostolado, central ao Cristianismo, engloba uma gama de significados, papéis e histórias que abrangem dois mil anos e moldam o desenvolvimento da fé cristã.

Numa primeira aproximação à língua grega do Novo Testamento, encontra-se uma aplicação significativa da ideia de apostolado (no sentido da ação de envio) ao próprio Senhor Jesus Cristo. Nesse sentido, o termo derivado, apóstolo, representa tanto autoridade quanto modelo desde a sua época. O propósito deste capítulo é esclarecer a natureza e o desenvolvimento do apostolado, incluindo sua origem, funções, papéis e responsabilidades dentro da estrutura organizacional da Igreja.

No coração do apostolado reside o conceito de envio. Por isso, são destacadas três categorias de envio que definem grupos diferentes de apóstolos. Jesus foi enviado pelo Pai para inaugurar o Reino de Deus na Terra. Ele, por sua vez, elegeu doze apóstolos, conferindo-lhes autoridade e enviando-os na missão de dar continuidade ao seu trabalho e propagar sua mensagem.

Pode-se entender que ao grupo restrito dos “Doze” foi acrescentada a figura de Paulo, que trouxe complexidade e amplitude à narrativa, estendendo a missão apostólica aos gentios. Mas ao longo de toda a história da Igreja, o Espírito Santo também tem desempenhado, desde a narrativa de Atos, um papel crucial ao enviar apóstolos para fundar novas comunidades de fé, perpetuando o legado e a visão de Jesus.

## 1. DEFINIÇÃO DO TERMO APÓSTOLO E SUA INSERÇÃO EM PASSAGENS E NARRATIVAS BÍBLICAS

A palavra apóstolo vem do grego *apóstolos* (ἀπόστολος).<sup>2</sup> As evidências do seu uso no mundo não-cristão são amplamente estabelecidas. Os textos alvo da pesquisa mostram que o termo *apóstolos* sofreu mudanças de significado no decorrer do tempo. A obra *Anábasis*, por Xenofonte, escrita em grego arcaico, por volta de 370 a.C., utiliza a expressão no contexto de expedições militares gregas que eram enviadas para conquistar territórios e estabelecer

---

<sup>2</sup> As transliterações do grego, neste trabalho, seguem as sugestões de GUSSO, Antônio Renato. **Gramática instrumental do grego: do alfabeto à tradução a partir do Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2010.

colônias.<sup>3</sup> Neste texto, o termo *apóstolos* assume alguns significados: marinheiros, um navio, envio de uma frota, uma expedição naval, companhia de colonizadores, comandante de uma expedição naval e permissão de viagem.

De acordo com Schimithals, Heródoto atribui ao termo *apóstolos* o significado de "um que é enviado". Josefo, que viveu no tempo dos apóstolos do Novo Testamento, usa o termo como "envio de mensageiros" ou "embaixada". O uso mais comum ao povo era a palavra emissário. Esses três últimos significados são os que mais se aproximam do termo apóstolo no Novo Testamento.<sup>4</sup>

Se for observada a missão de Jesus e depois dos apóstolos, que dizia respeito à implantação de um novo Reino (Mt 4.17), o sentido de apóstolo como companhia colonizadora, comandante de uma expedição ou uma expedição naval, pode ter o seu sentido aplicado por analogia aos apóstolos bíblicos.

Para compreender o real significado que Jesus quis dar à palavra apóstolo, torna-se importante salientar que ele, como habitante de Israel, falava aramaico e que a palavra para enviado, que ele usou, possivelmente tenha sido *shaliah*, mais tarde traduzida para a expressão grega *apóstolos*.<sup>5</sup> O termo *shaliah* deve ser considerado dentro do contexto judaico e, por conseguinte, o seu entendimento nas Escrituras do Antigo Testamento que fundamentava a cultura judaica.

Nos tempos de Jesus, a tradução mais popular era a Septuaginta,<sup>6</sup> que é a primeira tradução do Velho Testamento do hebraico para o grego.<sup>7</sup> Nessa tradução pode-se verificar que o chamamento e envio dos profetas obedecem aos mesmos princípios utilizados por Jesus no envio dos seus apóstolos. A palavra enviar é utilizada no hebraico, quando Deus, por exemplo, enviou os profetas Isaías (Is 6.8), Jeremias (Jr 1.7) e Ezequiel (Ez 2.3). A expressão hebraica foi traduzida para a Septuaginta pelo verbo grego *apostéllo*, do qual deriva o substantivo *apóstolos*.<sup>8</sup>

Nesse sentido, "no tempo do Velho Testamento, Deus enviou muitos profetas. Em um certo sentido esses profetas eram apóstolos; eles foram enviados com uma mensagem e com uma missão".<sup>9</sup> Os referidos profetas escreveram livros que são considerados inspirados pelo Espírito Santo, os quais foram chamados de Escrituras, sinônimo para Palavra de Deus. Da mesma forma, os apóstolos escreveram para a Igreja textos que foram considerados como Escrituras, tal como se encontra em 2 Pedro 3.16.

Os apóstolos de Jesus se tornaram a autoridade da parte de Deus no Novo Testamento, assim como foram os profetas no Antigo Testamento. Em vários versos do Novo Testamento encontram-se a figura dos profetas do Antigo Testamento e dos apóstolos do Novo

<sup>3</sup> XENOFONTE. *Anábase*. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 898.

<sup>4</sup> SCHMITHALS, Walters. *The office of the Apostle in the Early Church*. Nashville: Abingdon, 1969, p. 96-98.

<sup>5</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. *Apóstolos: a verdade bíblica sobre o apostolado*. São José dos Campos: Fiel, 2014. p. 26.

<sup>6</sup> PAPANDREA, James. *Reading the Church Fathers: a history of the Early Church and the development of doctrine*. Nashua: Sophia Institute, 2022, p. 58.

<sup>7</sup> PAPANDREA, 2022, p. 30.

<sup>8</sup> LOPES, 2014, p. 27,30-31.

<sup>9</sup> KAUNG, Stephen. *Seeing Christ in Hebrews*. New York: Christian Fellowship, 2014, p. 8.

Testamento juntas, indicando essa ligação, como se vê, por exemplo, em Apocalipse 18.20: “Alegra-te sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas, porque já Deus julgou a vossa causa quanto a ela”.

Já o apóstolo Paulo afirma que os cristãos estão “edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina” (Ef 2.20). No livro de Hebreus, é dito que no passado Deus havia falado aos pais por intermédio dos profetas, mas que nos dias do Novo Testamento, Deus estava falando por intermédio do Filho, Jesus Cristo (Hb 1.1-2). De fato, Hebreus 3.1 chega a chamar Jesus de “Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão”.

O termo apóstolo, em contraste com o mundo não cristão, que tinha seu uso mais escasso na literatura, aparece 81 vezes no Novo Testamento e adquire um sentido técnico que significa uma pessoa enviada com a autoridade e a capacitação divina para realizar milagres e sinais, a fim de autenticar sua mensagem. As tabelas 1 e 2 demonstram em que passagens bíblicas o termo apóstolo é citado.

A tabela 1 apresenta uma síntese, contendo personagens e referências bíblicas, que ajudam a identificar os diferentes empregos do termo apóstolo e do verbo grego cognato, normalmente traduzido por “enviar”, no Novo Testamento.

Tabela 1: Tipos de apóstolos e referências bíblicas

Diferentes empregos da expressão apóstolo e do verbo “enviar” no NT	Passagens
A Jesus	Hb 3.1; Jo 3.16; Lc 4.43
À lista dos 12 apóstolos de Jesus	Mt 10.2-4; Mc 3.14-19, Lc 6.13-16; At 1.13
Aos 12 apóstolos de Jesus	Mt 10.2; Mc 6.30; Lc 6.13; 9.10; 11.49; 17.5; 22.14; 24.10; At 1.2,12,26; 2.37,42-43; 4.2,33,35-37; 5.2,12,18,21,26-27,29,40-41; 8.1,14,18; 9.27; 11.1; 15.2,4,6,22-23; 15.7; 1Pe 1.1; 2Pe 1.1
A Paulo	At 14.4; 14.14; Rm 1.1; 1.5; 11.13; 1Co 1.1; 9.1; 2Co 1.1; Gl 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1; 1Ts 2.7; 1Tm 1.1; 2.7; 2Tm 1.1; 1.11; Tt 1.1
Aos apóstolos enviados pelo Espírito Santo, por meio da igreja	At 14.4,14; Rm16.7, 1Co 3.4; 9.1-7; 2Co 8.23; 11.5; 11.13; 12.11; Gl 1.19; Fp 2.25; 1Ts 2.7; 1Pe 1.1; 2Pe 1.1; Ap 2.2; 18.20.

Fonte: Autor, 2023.

A segunda tabela apresenta menções bíblicas à presença do conceito de apóstolos em diferentes textos do Novo Testamento.

Tabela 2: Menções bíblicas diretas ou indiretas a diferentes tipos de apóstolos

Livro do NT	Passagens Bíblicas com a Palavra Apóstolo - ἀπόστολος
Mateus	Mt 10.2-4
Marcos	Mc 3.14-19; 6.30
Lucas	Lc 6.13-16; 9.10; 11.49; 17.5; 22.14; 24.10
João	Jo 13.16

Atos	At 1.13; 1.2,12,26; 2.37,42-43; 4.2,33,35-37; 5.2,12,18,21,26-27,29,40-41; 8.1,14,18; 9.27; 11.1; 15.2,4,6,22-23; 15.7.
Cartas de Paulo	Rm 1.1; 11.13; 16.7; 1Co 1.1; 9.1,2; 15.9; 2Co 1.1; 12.12; Gl 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1; 1Tm 1.1; 2Tm 1.1; Tt 1.1
Hebreus	Hb 3.1
Cartas de Pedro	1Pe 1.1; 2Pe 1.1
Judas	Jd 1.17
Apocalipse	Ap 2.2; 18.20; 21.14

Fonte: Autor, 2023.

Das vezes que o termo apóstolo aparece, é importante salientar que 37 delas se referem aos 12 discípulos de Jesus; 17 se referem a Paulo; 14 a outros apóstolos; 3 se referem ao apostolado como um dom, e em 11 delas, não é possível determinar a quem se referem.<sup>10</sup>

Independentemente do que se possa especular acerca de diferentes categorias de apostolado, é necessário, de início, salientar que a função básica desses enviados era implantar igrejas em várias localidades e ali estabelecer os fundamentos dos ensinamentos de Jesus. Eles eram dirigidos pelo Espírito Santo, que é o responsável primeiro em conduzir a igreja. Esse parece ser mesmo o núcleo central de todo o emprego do termo apóstolo e da ideia de envio ao longo de todo o Novo Testamento.

A dependência do Espírito Santo era imperativa devido às limitações de locomoção; na transmissão de cartas, por exemplo, havia a necessidade de se confiar inteiramente no poder e no trabalho do Espírito Santo. Esse fato explica a quantidade de vezes que se encontra, em todo o livro dos Atos dos Apóstolos, o Espírito Santo batizando (At 2.1-4,38), dando poder (At 1.8), enchendo (At 4.31), sendo derramado (At 2.17), distribuindo dons (At 2.1-4; 10.44-46; 19.6), testemunhando (At 5.32), falando e dando direções diretas (At 8.29; 10.19; 11.12,28; 13.2; 15.28; 16.6,7; 20.23), consolando (At 9.31), enviando apóstolos (At 13.4), constituindo lideranças (At 6.1-7; 20.28). Vê-se que a Igreja tinha um maestro, um guia acima de todos.

Na tentativa de encontrar categorias ou tipos de apostolado e suas características é possível fazer uso da tabela 1, a qual contém os versículos no Novo Testamento que identificam pelo menos três classes de apóstolos. A primeira e principal classe, a de Jesus, que foi enviado pelo Pai, sendo inclusive expressamente chamado de apóstolo pelo autor de Hebreus; a segunda classe formada pelos 12 apóstolos de Jesus, mais Paulo, que “apesar de não estar entre os doze, encontra-se numa categoria semelhante a deles”<sup>11</sup>; e a terceira classe engloba os apóstolos enviados pelo Espírito Santo.

Pawson, por sua vez, identifica cinco classes de apóstolos, pois posiciona o apóstolo Paulo em uma categoria distinta da dos 12, embora no mesmo nível de autoridade, e acrescenta uma quinta classe formada por “qualquer cristão enviado pela Igreja, de A para B, para fazer qualquer coisa, a exemplo de Epafrodito, que foi enviado para ser um empregado doméstico de Paulo em Roma; em certo sentido, qualquer um poderia ser um apóstolo”.<sup>12</sup>

<sup>10</sup> LOPES, 2014, p. 24.

<sup>11</sup> LOPES, 2014, p. 70.

<sup>12</sup> PAWSON, David. **Unlocking the Bible**. Travelers Rest: Harper Collins, 2007, p. 886.

Essa classe, embora tenha uma importância semântica, não será considerada, em razão da ausência de sua pertinência para o objeto da presente pesquisa.

## 2. APROXIMAÇÕES ENTRE O CONCEITO DE APÓSTOLO E A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA IGREJA

Após a morte de Jesus teve início um período identificado como “era apostólica”, o qual perdurou até a morte de João, sendo este o apóstolo que viveu “por mais tempo — de acordo com a tradição até o segundo século”.<sup>13</sup> A seguir, será verificado como a Igreja foi estruturada durante a era apostólica, a partir do material contido na narrativa de Atos e as epístolas do Novo Testamento; o tema da estrutura organizacional da Igreja será tratado com mais profundidade no capítulo seguinte, quando for abordada a sucessão apostólica, analisando-se algumas mudanças sofridas já a partir do final do primeiro século.

A estrutura da igreja local, observada no período apostólico, comportava os ofícios de anciãos (presbíteros) e diáconos.

A palavra diácono vem do grego *diákonos*, que significa ministro ou servo. O texto de Atos 6.1-7, embora não declare categoricamente, parece indicar o chamado dos primeiros diáconos, empregando o verbo cognato. O diácono está subordinado ao presbítero (ancião) local e o tem como ofício atender às cargas de assistência social da Igreja. Paulo, em 1 Timóteo 3.8-13, dá oito características que um diácono deveria preencher para exercer a função.<sup>14</sup>

Segundo Enns, o ofício de presbítero é identificado por dois termos básicos. O primeiro deles é ancião, do grego *presbuteros* e se refere a um antigo cristão, no sentido de antigo na fé, podendo ser homem ou mulher idoso(a); assume, também, a designação de dignidade e maturidade do ofício. “O Ancião tinha autoridade para fazer decisões referentes ao que constitui a doutrina ortodoxa (At 15.2,4,6,22; 16.2) e para distribuição de dinheiro (At 11.29-30)”. Além disso, “recebiam relatório sobre a obra missionária (At 20.17; 21.18)”.<sup>15</sup> O segundo termo é bispo (supervisor) vem da palavra grega *episcopos* que significa “vigiar sobre” como um pastor. Tem por dever nutrir e alimentar o rebanho (At 20.28; 1Tm 3.2; Tt 1.7). Os termos supervisor e ancião (presbíteros) são utilizados intercambiavelmente em Atos 20.17,18 e Tito 1.5,7 indicando que ambos se referem ao mesmo ofício.<sup>16</sup>

Toda eleição de diáconos e presbíteros era feita em acordo com a igreja local, o que pode ser demonstrado na eleição dos sete diáconos em Atos 6. Da mesma forma, no envio de Paulo e Barnabé, “a Igreja estava por inteiro, envolvida nas decisões” doutrinárias, disciplinares e outras.<sup>17</sup> Os apóstolos “Paulo e Barnabé instituíam presbíteros nas igrejas por eles fundadas (At 14.23)”.<sup>18</sup>

---

<sup>13</sup> PAPANDEA, 2022, p. 55.

<sup>14</sup> ENNS, Paul. **Manual de Teologia Moody**. São Paulo: Batista Regular, 2008, p. 417.

<sup>15</sup> ENNS, 2008, p. 416.

<sup>16</sup> ENNS, 2008, p. 416.

<sup>17</sup> ENNS, 2008, p. 420.

<sup>18</sup> LOPES, 2014, p. 366.

Em sua carta a Tito, Paulo ordena que “[...] de cidade em cidade estabelecesse presbíteros[...]” (Tt 1.5). Esse fato demonstra que era função apostólica definir uma estrutura reconhecida de liderança em cada Igreja que eles fundaram. Nessa estrutura havia presbíteros e diáconos, cuja escolha se dava diretamente ou através dos representantes dos apóstolos, como Tito, Timóteo e outros. Porém, com o passar do tempo “naqueles lugares onde as igrejas locais foram fundadas sem um evangelista apostólico, a sucessão de líderes pode ter sido realizada por voto dos membros batizados. Eventualmente, todas as igrejas locais adotariam a eleição como método para selecionar líderes”.<sup>19</sup>

A escolha dos presbíteros e dos diáconos requeria qualificações definidas por Paulo, conforme descritas no capítulo 1 da Carta a Tito e no capítulo 3 da Primeira carta a Timóteo. A qualificação dos presbíteros, que indica que eles devem ser aptos para ensinar, demonstra que sobre esse ofício recai a responsabilidade de transmissão da sã doutrina. Outro ponto relevante é o uso das palavras presbítero, ancião ou bispo sempre no plural, indicando a existência de mais de um na função dentro da igreja local. Como afirma Lopes, os apóstolos não nomearam apenas um presbítero ou bispo para cuidar de uma igreja, mas uma pluralidade. Assim, cada igreja tinha seus presbíteros ou bispos.<sup>20</sup>

A estrutura da igreja local, conforme reconhecida pela própria Igreja é estabelecida pelos apóstolos, era composta pelas funções de presbíteros e diáconos. Estes homens, por meio do discipulado – ensino passado com palavras e ações –, eram instruídos na sã doutrina e asseguravam sua transmissão às futuras gerações. Com essa estrutura esclarecida, o próximo tópico abordará os diferentes tipos de apóstolos ou enviados que desempenharam papéis cruciais no avanço do Reino de Deus.

### **3. RAZÕES E APLICAÇÕES DO CONCEITO DO APOSTOLADO EM RELAÇÃO AO ENVIO E AO PROCESSO DE SUCESSÃO**

Este tópico busca definir a existência de três tipos de ministério apostólico, conforme encontrado no Novo Testamento e a sua subsequente sucessão. Inicialmente, aborda-se a figura de Jesus, reconhecido como o apóstolo primordial enviado pelo Pai, e a missão dos 12 apóstolos, selecionados e enviados para prosseguir sua obra. A singularidade da missão de Paulo, o “apóstolo dos gentios” (cf. Gl 2.7-8) também é examinada. Posteriormente, destaca-se a atuação dos apóstolos impulsionados pelo Espírito Santo, pioneiros na fundação de igrejas em regiões até então inexploradas pela mensagem cristã.

#### **3.1 Jesus, o Apóstolo enviado pelo Pai para implantar o Reino de Deus na terra**

Em vários textos do Novo Testamento, Jesus é caracterizado como aquele que foi enviado pelo Pai, a tal ponto de o autor de Hebreus afirmar: “Pelo que, irmãos santos, participantes da vocação celestial, considerai a Jesus Cristo, apóstolo e sumo sacerdote da

<sup>19</sup> PAPANDREA, 2022, p. 56.

<sup>20</sup> LOPES, 2014, p. 193.



nossa confissão” (Hb 3.1); o apóstolo João, por sua vez, destaca: “Porque Deus enviou seu filho ao mundo [...]” (Jo 3.17).

Quando Jesus leu a profecia de Isaías sobre o Messias que seria enviado, concluiu dizendo: “Então, começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos” (Lc 4.16-21), revelando sua “a autoconsciência messiânica [...] como enviado (apóstolo) do Pai”.<sup>21</sup> Ele sabia o seu papel e missão. Há outra confirmação dessa autoconsciência quando:

No Evangelho de João, encontramos com mais clareza essa autoconsciência de Jesus de que era o enviado de Deus, o seu Messias. A palavra ἀπόστολος só ocorre uma vez neste Evangelho, “o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou” (Jo 13.16). Seu uso nesta declaração de Jesus mostra que o sentido de “apóstolo” aqui é o mesmo dos demais Evangelhos, alguém que é enviado por outro como seu representante autorizado e com um propósito.<sup>22</sup>

Autorização e propósito marcaram o chamado dos seus apóstolos diretos. Até a vinda de Jesus, Deus falava com os homens “muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas”; porém, prossegue o autor de Hebreus, “a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho” (Hb 1.1). Jesus não foi mais um profeta ou mais um enviado dentro de uma sucessão de enviados; ele era o próprio Deus tornando carne, de maneira que “a encarnação de Jesus não apenas qualifica os atos de Deus no mundo, [...] a principal maneira de Deus alcançar o seu mundo foi se encarnar em Jesus”.<sup>23</sup> Ele era o tema chave das profecias, o ponto central para quem todo o Antigo Testamento apontava. Ele era o esperado, aquele que seria enviado do Pai, o Deus forte, Pai da eternidade. Ele era o Messias que viria para reinar sobre toda a terra.

Conceitualmente, apóstolo é “o que fala por aquele que o enviou”, sendo possível “lembrar as palavras de Jesus dizendo: ‘Eu não posso falar de mim mesmo. Eu falo as coisas que escuto meu Pai falar’ (Jo 8)”<sup>24</sup>. Como apóstolo do Pai, Jesus tinha as credenciais de ser o criador de todas as coisas, o Filho de Deus, a imagem exata de Deus e o Messias, sem as fraquezas dos profetas, perfeito homem e perfeito Deus encarnado. Ele tinha as prerrogativas necessárias para vir e estabelecer o Reino de Deus na terra.

Jesus foi enviado ao mundo para estabelecer o Reino de Deus, logo, “o tema da mensagem de Jesus era o reino de Deus. Existem quase cem referências ao reino ao longo dos Evangelhos”,<sup>25</sup> e a palavra “Reino” aparece cerca de 158 vezes no Novo Testamento. Destas, 54 no livro de Mateus, 20 no livro de Marcos, 45 no livro de Lucas, 3 no Evangelho de João, 8 na pregação dos apóstolos em Atos e o restante nas cartas de Paulo.

O Reino foi o tema central da mensagem de Jesus, confirmando que ele era o Messias que havia de implantar um governo celestial. Como visto:

[...] há quase cem referências ao reino em todos os Evangelhos. Além disso, a maioria das parábolas de Jesus era sobre o reino. De fato, Jesus disse que o motivo pelo qual tinha sido enviado à Terra foi para pregar sobre o reino:

<sup>21</sup> LOPES, 2014, p. 35.

<sup>22</sup> LOPES, 2014, p. 36.

<sup>23</sup> HIRSCH, 2016, p.142.

<sup>24</sup> KAUNG, 2014, p. 11.

<sup>25</sup> BERCOT, David. **The Kingdom that turned the world upside down**. Amberson: Scroll, 2003, p. 203.



Eu devo pregar o reino de Deus às outras cidades também, porque para este propósito fui enviado (Lc 4.46).<sup>26</sup>

Portanto, sendo Jesus o Rei enviado pelo Pai para implantar o seu Reino, estabeleceu as condições de entrada e a conduta que os súditos deveriam ter quando inseridos no contexto desse Reino. Foi então estabelecida a guerra do Reino de Deus contra Satanás, o mundo e o pecado.

A expectativa do povo de Israel era de que o Messias viria e submeteria os reinos do mundo a si mesmo e que de Jerusalém governaria sobre toda a terra. No entanto, Jesus, após o seu batismo e a descida do Espírito Santo sobre ele, deu início ao seu ministério, no qual operou sinais e maravilhas, expulsando demônios, ressuscitando pessoas, dando vista aos cegos, fazendo coxos andarem, transformando água em vinho, andando sobre as águas, dentre muitos outros milagres.

O Messias iniciou sua tomada de território tratando diretamente com as forças da dimensão espiritual; ele destronou o príncipe deste mundo e desfez suas obras, tirando seu poder sobre o homem. Pois “[...] para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo” (1Jo 3.8). O Apostolado de Jesus foi exercido com poder e obediência completa àquele que o enviou, o Pai, no nome de quem ele falou: “[...] e o que dele tenho ouvido, isso falo ao mundo” (Jo 8.26).

As palavras de Jesus formam o fundamento para que o ser humano compreenda e viva dentro do seu Reino (Mt 7.24-27). Surge aqui a necessidade de expressar a importância de preservar e transmitir, com exatidão, suas palavras após sua morte. O apóstolo Paulo afirma que Jesus é o único fundamento (1Co 3), e que Jesus é a pedra angular da Igreja, a quem ele compara com um edifício (Ef 2).

Verifica-se, portanto, a importância que Jesus dava à transmissão de seu ensino, pois ele sabia que seu ministério na terra iria durar pouco tempo. Assim, ele tinha como alvo, igualmente importante, preparar homens e mulheres que iriam aprender seus ensinamentos e transmiti-los às próximas gerações. Pode-se ver Jesus no Sermão do Monte ensinando aos discípulos os princípios do Reino dos céus, e aqui seu ensino não estava limitado aos 12 apóstolos. Jesus optou pelo ensino relacional, que cativava a atenção dos seus ouvintes e os levava a confrontarem seus valores presentes com os novos valores de sua proposta.

Jesus foi o mestre dos mestres; ele desempenhou seu ensino com “autoridade, paciência, amorosidade, firmeza, disciplina, entusiasmo, confronto, praticidade, conhecimento, dependência e senso de missão”.<sup>27</sup> Transmitindo seu ensino a milhares de pessoas, seu método era da exposição dialogada no qual:

[...] lançava mão de situações problema, a fim de conduzir as pessoas (aprendentes) à reflexão. Jesus não oferecia respostas diretas, antes produzia novas perguntas, pois o seu objetivo era que os aprendentes

---

<sup>26</sup> BERCOT, 2003, p. 202.

<sup>27</sup> DOMINGUES, Gleyds Silva. **Andragogia de Jesus**: ensinar e aprender. Curitiba: ADSantos, 2016, p. 26.

encontrassem suas próprias respostas. Respostas estas que os conduziam a uma vida pautada nos princípios eternos.<sup>28</sup>

Isso se aplicou principalmente àqueles a quem ele chamou de discípulos. A palavra que melhor descrevia um seguidor de Jesus era a palavra discípulo, que aparece nas escrituras do Novo Testamento 269 vezes. Atualmente, as mais utilizadas são as palavras cristão ou crente. A palavra discípulo vem do grego *mathētēs* que significa aprendiz, pupilo. Os rabinos da época acompanhavam discípulos, que eram treinados nos ensinamentos e nas práticas dos seus mestres (Mt 9.14).

Torna-se importante enfatizar que a prática discipular demonstra a estratégia de Jesus para a formação daqueles que dariam continuidade à sua obra. Em Atos dos Apóstolos, no seu primeiro capítulo, verifica-se que Jesus passou 40 dias após sua ressurreição ensinando aos discípulos as coisas pertinentes ao Reino.

Quando os discípulos dão início à expansão do Reino após a ascensão de Jesus, fica claro que havia três forças que os moviam em poder para proclamação. A primeira, a descida do Espírito Santo; a segunda, o testemunho de que viram Jesus ressuscitado e, a terceira, o fundamento de ensino dado por Jesus, tanto no seu tempo com eles, antes de sua morte, quanto após a ressurreição. De acordo com as Escrituras: “Então, abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras” (Lc 24.46). Pedro, que 50 dias antes havia negado a Jesus, em Atos 2 pregava com um entendimento claro das Escrituras, citando profecias e demonstrando uma lógica que não possuía antes.

Jesus enfatizou o ensino dos seus discípulos, relacionando-se com eles, e separou 12 dentre eles e os constituiu como apóstolos, com o objetivo de que fossem enviados ao mundo da mesma forma que ele havia sido enviado pelo Pai, para que fossem seus representantes após sua morte e disseminassem os seus ensinamentos a todas as nações. O tópico seguinte trata sobre esses apóstolos, sua missão e o caráter único de sua obra.

### **3.2 Os 12 apóstolos enviados por Jesus**

Neste tópico, busca-se responder às questões: Qual a origem e chamado dos apóstolos enviados por Jesus? Qual a esfera de atuação e autoridade deles? E quais foram os critérios para se definir esse apostolado? Jesus estabeleceu a estratégia para o avanço, a conquista e a manutenção do seu Reino ao separar 70 homens para serem treinados e enviados e, dentre esses, separou 12. “E nomeou doze para que estivessem com ele e os mandasse a pregar e para que tivessem o poder de curar as enfermidades e expulsar os demônios” (Mc 3.15-16).

Esses 12 homens foram ensinados sobre os princípios do Reino, visando à sua continuação e expansão, após a ascensão de Jesus. Eles foram os seus representantes na terra, responsáveis por repassar seus ensinamentos de forma fiel. Jesus disse-lhes: “[...] Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós” (Jo 20.21b). Nesta passagem, Jesus compara diretamente a missão que ele estava dando aos apóstolos com a missão que o Pai o enviou a

---

<sup>28</sup> DOMINGUES, 2016, p. 32.

realizar. Os Evangelhos descrevem a escolha de 12 dos discípulos de Jesus para serem apóstolos.

E aconteceu que, naqueles dias, subiu ao monte a orar e passou a noite em oração a Deus. E, quando *já* era dia, chamou a si os seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem também deu o nome de apóstolos; Simão, ao qual também chamou Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, *filho* de Alfeu, e Simão, chamado Zelote; Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que foi o traidor (Lc 6.12-16).

No relato do Evangelho de Marcos, lê-se: “E nomeou doze para que estivessem com ele e os mandasse a pregar e para que tivessem o poder de curar as enfermidades e expulsar os demônios” (Mc 3.14-15). Infere-se que esses homens deveriam desfrutar da intimidade de Jesus, fazer-lhe perguntas, serem treinados, aprenderem os princípios ensinados por ele, pregarem o evangelho do Reino.

Para que a missão fosse possível, Jesus deu-lhes autoridade e poder para expulsar demônios, operar milagres e pregar o evangelho. Esses homens se tornaram embaixadores, generais de Jesus para levar adiante a expansão do Reino a todo o mundo. Eles foram treinados em Israel, porém, com a visão de que iriam levar o Evangelho a todas as nações, após a morte de Jesus, conforme descrito em Mateus 28.18-20.

Os discípulos foram testemunhas da morte e ressurreição de Jesus. Após a ressurreição, eles estiveram com Jesus por quarenta dias, aprendendo mais sobre o Reino de Deus (At 1.3). Depois desses dias, Jesus foi levado para as alturas e os apóstolos, juntamente com outros discípulos, ficaram juntos em oração esperando a descida do Espírito Santo.

A descida do Espírito Santo sobre os discípulos e apóstolos inaugura a Igreja de Jesus, transformando aquele grupo de seguidores em seu corpo sobre a terra, sendo Jesus a cabeça que comandava esse corpo, por meio do Espírito Santo que agora habita nos que nascem de novo. Logo em seguida à descida do Espírito Santo, o apóstolo Pedro pregou a uma multidão e foram batizadas 3 mil pessoas. A função dos apóstolos, então, era trazer os ensinamentos de Jesus para as multidões, para que a igreja perseverasse na doutrina deixada por Jesus e ensinada pelos apóstolos, conforme é possível ler em Atos 2.42.

A Igreja primitiva reconheceu plenamente os escritos dos apóstolos e sua autoridade sobre toda a Igreja, como representantes naturais da pessoa de Jesus. A Igreja os via com admiração e reverência, tendo-os em máxima estima e respeito. Observa-se que a doutrina dos apóstolos era composta pelos ensinamentos que eles aprenderam com Jesus. Irineu, no século II, em sua defesa contra as heresias, afirma:

[...] fiel e vigorosamente resistirás a eles em defesa da única fé verdadeira e vivificante, que a Igreja recebeu dos apóstolos e transmitiu a seus filhos. Porque o Senhor de todos deu aos seus apóstolos o poder do Evangelho, por quem também conhecemos a verdade, isto é, a doutrina do Filho de Deus.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> SCHAFF, Philip. **The complete ante-Nicene & Nicene and post-Nicene Church Fathers Collection**: 3 Series, 37 Volumes, 65 Authors, 1,000 Books, 18,000 Chapters, 16 Million Words. Catholic Way Publishing, 2014, p. 1094

Conforme Irineu, depois que os apóstolos tiveram conhecimento perfeito, foram para os confins da terra, pregando as boas novas de Deus e proclamando a paz do céu aos homens, para que todos possuíssem o Evangelho de Deus. Muitos dos apóstolos morreram em diferentes países, conforme as tradições da Igreja primitiva.<sup>30</sup>

O apóstolo Paulo afirma que a Igreja é edificada “sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina” (Ef 2.20). Por haver andado diretamente com Jesus, os apóstolos trouxeram o fundamento dos ensinamentos recebidos dele e o transmitiram à Igreja. A palavra deles possuía a autoridade de quem havia sido enviado por Jesus, devendo ser obedecida por toda a Igreja. Possuíam autoridade de governo; seus escritos foram inspirados pelo Espírito Santo e possuíam autoridade sobre a Igreja em todos os tempos e em todos os locais. Os livros que compõem o Novo Testamento são aceitos como infalíveis e possuem, como premissa, o fato de terem sido escritos pelos apóstolos ou por alguém ligado a eles.

A posição de autoridade máxima dos 12 apóstolos, quanto à Igreja e Israel (Mt 19.28), é afirmada por Jesus ao dizer que eles irão se sentar em tronos para julgar as tribos de Israel. O texto escatológico de Apocalipse 21.14 declara: “E o muro da cidade tinha doze fundamentos e, neles, os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro”. Esses homens se espalharam pelo mundo proclamando o evangelho, estabelecendo igrejas. Eles ensinaram os líderes locais para que esses pudessem manter as igrejas dentro da doutrina de Cristo.

Jesus separou um décimo terceiro apóstolo de forma peculiar para ser uma referência para os gentios. Esse homem foi Paulo de Tarso. Ele possui uma trajetória única na Igreja cristã e se tornou um dos principais expoentes da história em todos os tempos. O próximo tópico busca demonstrar seu chamado e influência sobre a Igreja.

### **3.3 Paulo, apóstolo enviado por Jesus para os gentios**

Paulo é um apóstolo que não fez parte dos primeiros doze apóstolos de Jesus. Ele não andou com Jesus durante seu ministério na terra, não foi testemunha da sua morte e possivelmente não alcançará algumas das promessas que foram dadas aos doze (Ap 21.14). Nos capítulos 1 e 2 de Gálatas, Paulo fala sobre como buscou a aprovação do seu ministério com os 12 apóstolos. No entanto, a peculiaridade do seu chamado, a dimensão do seu ministério e os sinais operados por ele, entre outros fatores, serviram para demonstrar que o apostolado de Paulo tem um nível de autoridade semelhante ao dos 12 apóstolos.

Paulo era judeu nascido em Tarso, cidade localizada na Cilícia, que hoje faz parte do sul da Turquia. Ele também era cidadão romano e recebeu ensinamentos na fé judaica na cidade de Jerusalém, sendo instruído por Gamaliel, um renomado mestre fariseu (At 22.3).<sup>31</sup> Paulo afirma que foi circuncidado ao oitavo dia e era descendente da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim. Ele se descreve como um fariseu zeloso a ponto de perseguir a Igreja, e considera-se irrepreensível quanto à lei, como mencionado em Filipenses 3.5-6.

---

<sup>30</sup> SCHAFF, 2014, p. 1094-1097.

<sup>31</sup> WRIGHT, N. T. **Paul: a biography**. London: Happerone, 2018, p. 52.

É importante notar que o zelo de Paulo o levou a participar de forma ilegal da morte de Estevão, um diácono da nascente igreja cristã em Jerusalém, como registrado em Atos 7.59-60. Wright chama a atenção para o fato de que esse zelo o levou a agir acima da lei romana em nome de sua crença religiosa.<sup>32</sup>

Após a morte de Estevão, desencadeou-se uma perseguição aos cristãos. Nesse contexto, Paulo é retratado por Lucas como um perseguidor implacável da Igreja. Ele viajava de cidade em cidade com o objetivo de prender os cristãos e levá-los para Jerusalém, onde seriam julgados e punidos, como descrito em Atos 9.1-3.

A conversão de Paulo a Jesus Cristo é um dos maiores marcos da história, sendo aceita por praticamente todos os comentaristas, de todo o espectro, desde a esquerda teológica até a direita, como o melhor testemunho das aparições da ressurreição de Jesus.<sup>33</sup> A aparição de Jesus a Paulo ocorreu quando estava a caminho da cidade de Damasco, com o objetivo de prender os cristãos. Sua conversão é relatada em três momentos no livro de Atos: primeiro, no capítulo 9, Lucas narra a história da conversão de Paulo; segundo, no capítulo 22; e terceiro, no capítulo 26, quando o próprio Paulo deu testemunho de sua conversão a uma multidão enfurecida e a Festo, respectivamente.

Ao considerar as três passagens bíblicas sobre a conversão de Paulo, juntamente com o reconhecimento posterior dos apóstolos em relação ao seu ministério, torna-se possível observar que ele recebeu um chamado para levar o evangelho a todos os homens, especialmente aos gentios e reis. Jesus pessoalmente o separou e o enviou para essa missão, estabelecendo-o com autoridade sobre a Igreja, a qual só os 12 apóstolos possuíam. Aqui estão alguns pontos distintivos no chamado de Paulo:

Paulo não teve apenas uma visão, mas um encontro pessoal com Jesus ressuscitado, como mencionado no texto a seguir:

E, indo no caminho, aconteceu que, chegando perto de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu. E, caindo em terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? E ele disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Duro é para ti recalcitrar contra os agulhões. E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor, que queres que faça? E *disse*-lhe o Senhor: Levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer. E os varões, que iam com ele, pararam espantados, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém (At 9.3-7).

Sobre isso, escreve Lopes:

A diferença principal, nos parece, é que, enquanto uma visão é subjetiva e ocorre inteiramente na mente do indivíduo, a aparição é objetiva, ela está lá diante do indivíduo e poderia ser vista inclusive por outras pessoas, ao contrário da visão.<sup>34</sup>

Durante a aparição, os soldados que estavam com o apóstolo Paulo também ouviram a voz de Jesus. Isso é confirmado por Ananias, ao dizer a Paulo que ele havia sido designado

---

<sup>32</sup> WRIGHT, 2018, p. 54.

<sup>33</sup> WRIGHT, 2018, p. 55

<sup>34</sup> LOPES, 2014, p. 73.

para “ver o Justo e ouvir uma voz de sua própria boca” (At 22.14). O termo “Justo” se refere a Jesus, pois Ananias diz: “o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas” (At 9.17).

Quando Paulo defende o tema da ressurreição, ele afirma que Jesus foi visto pelos apóstolos e, em seguida, diz que ele também testemunhou, embora afirme: “[...] por derradeiro de todos, me apareceu também a mim, como a um abortivo. Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persegui a igreja de Deus” (1 Co 15). Paulo foi chamado e enviado diretamente por Jesus.

Após sua experiência com Jesus, o apóstolo Paulo fica cego, e um discípulo chamado Ananias, da cidade de Damasco, recebe uma palavra de Jesus, mas a Bíblia ressalta que foi uma visão. Nesta visão, Jesus fala o objetivo do seu chamado ministerial e afirma: “Disse-lhe, porém, o Senhor: Vai, porque este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel. E eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome” (At 9.15-16).

Em outra passagem, Jesus fala com Paulo durante um arrebatamento: “E disse-me: Vai, porque hei de enviar-te aos gentios de longe” (At 22.21), e em uma terceira passagem, diz-se: “livrando-te deste povo e dos gentios, a quem agora te envio, para lhes abrires os olhos e das trevas os converteres à luz e do poder de Satanás a Deus, a fim de que recebam a remissão dos pecados e sorte entre os santificados pela fé em mim” (At 26.30). Os frutos seguem o chamado.

Esse chamado de Paulo para os gentios é confirmado na história de suas jornadas pregando o evangelho nas cidades gentílicas. Ele esteve em Éfeso “[...] por espaço de dois anos, de tal maneira que todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus, tanto judeus como gregos” (At 19.10). Também nas cartas escritas para as igrejas gentílicas, bem como nas seguintes afirmações do próprio Paulo: “[...] enquanto for apóstolo dos gentios, glorificarei o meu ministério” (Rm 11.13); “Para o que (digo a verdade em Cristo, não minto) fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor dos gentios, na fé e na verdade” (1Tm 2.7); “para o que fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor dos gentios” (1Tm 1.11).

Outra marca do apostolado de Paulo foi o poder conferido pelo Espírito Santo. Lucas relata como o Senhor usou Paulo para operar muitos sinais e maravilhas: “E Deus, pelas mãos de Paulo, fazia maravilhas extraordinárias, de sorte que até os lenços e aventais se levavam do seu corpo aos enfermos, e as enfermidades fugiam deles, e os espíritos malignos saíam” (At 19.11-12). Paulo ressuscitou mortos, curou pessoas, ordenou que pessoas ficassem cegas etc.

Paulo, ainda, é reconhecido como um apóstolo com dimensão ministerial semelhante à de Pedro pelo próprio Pedro e outros apóstolos dentre os 12, na seguinte passagem:

Depois, passados catorze anos, subi outra vez a Jerusalém com Barnabé, levando também comigo Tito. E subi por uma revelação e lhes expus o evangelho que prego entre os gentios e particularmente aos que estavam em estima, para que de maneira alguma não corresse ou não tivesse corrido em vão. [...] esses, digo, que pareciam *ser alguma coisa*, nada me comunicaram; antes, pelo contrário, quando viram que o evangelho da

incircuncisão me estava confiado, como a Pedro o da circuncisão (porque aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão, esse operou também em mim com eficácia para com os gentios), e conhecendo Tiago, Cefas e João, que eram considerados como as colunas, a graça que se me havia dado, deram-nos as destros, em comunhão comigo e com Barnabé, para que nós *fôssemos* aos gentios e eles, à circuncisão (Gl 2.1-9).

Na defesa do seu apostolado, Paulo afirma o seguinte: “Os sinais do meu apostolado foram manifestados entre vós, com toda a paciência, por sinais, prodígios e maravilhas” (2Co 12.2). Ele tinha plena certeza do seu apostolado e o reafirmava em suas cartas. Os escritos de Paulo são confirmados por Pedro como parte das Escrituras, quando afirma:

E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, falando disto, como em todas as *suas* epístolas, entre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição (1Pe 3.15-16).

“E disse-me: vai, porque hei de enviar-te aos gentios” (At 22.21).

Há três pontos dos relatos acima que são usados por Paulo em suas cartas como prova de seu apostolado, a saber, que ele viu Jesus Cristo ressurreto, que este o comissionou como apóstolo para levar seu nome aos gentios e que seu ministério era marcado pelo sofrimento. Estes três pontos correspondem às marcas do apostolado dos doze.<sup>35</sup>

Assim, a fonte da doutrina de Cristo tornou-se unicamente os 12 apóstolos e Paulo. No entanto, o avanço do Reino de Deus também foi promovido por uma terceira classe de apóstolos que foram separados e enviados pelo Espírito Santo em conjunto com as igrejas locais. Esses apóstolos tinham seus ministérios orientados pela palavra apostólica dos Doze e de Paulo, não tendo, portanto, autoridade para estabelecer doutrinas, mas sim para seguir as já definidas. É o que será abordado no próximo tópico.

### **3.4 Os apóstolos enviados pelo Espírito Santo para serem pioneiros na fundação de igrejas**

O objetivo a ser contemplado neste tópico é analisar a aplicação do termo apóstolo para aqueles que não fizeram parte dos doze apóstolos de Jesus, além de Paulo. Segundo Lopes:

Os estudiosos reconhecem que, além dos doze discípulos de Jesus, Paulo aparenta considerar como apóstolos a Tiago, o irmão de Jesus (Gl 1.19; 1Co 15.7), Barnabé (1Co 9.6; cf. At 14.4,14), Silvano (provavelmente Silas) e Timóteo (1Ts 1.1; 2.7), Apolo (1Co 4.6,9), seus parentes Andrônico e Júnias (Rm 16.7) e Epafrodito (Fp 2.25).<sup>36</sup>

Aborda-se aqui quatro pontos importantes relacionados a esse tema. O primeiro ponto é que a terceira classe apostólica tem o objetivo de expandir o Reino. O segundo ponto é que a Igreja local, com a orientação do Espírito Santo, seleciona aqueles que devem ser enviados.

---

<sup>35</sup> LOPES, 2014, p. 71.

<sup>36</sup> LOPES, 2014, p. 117.



O terceiro ponto a ser enfatizado é que a única palavra infalível de Deus são as Escrituras, e tudo o que for dito e feito deve ser examinado à luz delas. A palavra de Jesus e de seus apóstolos é a única palavra infalível e inerrante. Por fim, o quarto ponto elucida que o ministério apostólico bíblico nunca formou igrejas locais dependentes da palavra apostólica fora dos Doze e de Paulo. Os anciãos e diáconos da igreja local devem governar a própria igreja juntamente com os membros da congregação.

A história comprova que, em todos os tempos, a atuação do Espírito Santo de Deus, desde o batismo de Jesus por João Batista, foi decisiva para o ministério de Jesus e, posteriormente, para a Igreja, até os dias atuais. Assim como o Espírito Santo desceu sobre o corpo físico de Jesus, ele também desceu sobre o seu corpo espiritual, que é a sua Igreja (At 2.1-6).

Em várias passagens do livro de Atos observa-se o trabalho do Espírito Santo na Igreja. Ele era reconhecido como aquele que tinha total controle sobre a Igreja, orientando os discípulos e coordenando as ações dos apóstolos com a Igreja, tanto de forma coletiva quanto individual. Tudo estava e continua sob o seu controle. Com base no exposto, é possível afirmar que ele desempenhou um papel direto no surgimento do terceiro tipo ou classe apostólica, que são os apóstolos enviados por meio das igrejas locais.

É importante destacar um aspecto relevante do contexto da Igreja até o ano 100, Havia um grande grupo de pessoas que caminharam com Cristo e foram ensinados diretamente por ele. Embora os apóstolos de Jesus sejam bem conhecidos pelos Evangelhos, os setenta discípulos, mencionados em Lucas 10, não possuem uma lista definitiva. Nos escritos da Igreja primitiva consta que entre eles destacam-se Barnabé, Sóstenes e Cefas — não o apóstolo Pedro, mas outro discípulo com o mesmo nome. Matias juntou-se aos apóstolos no lugar de Judas.<sup>37</sup> Eusébio diz que “Barnabé fez parte dos 70 enviados por Jesus quando afirma [...] transmitiram isso aos demais apóstolos, e os demais apóstolos aos Setenta, dos quais Barnabé era um”.<sup>38</sup>

Conforme o testemunho de Paulo, após sua ressurreição dos mortos Jesus apareceu primeiro a Cefas, depois aos doze, e depois a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais alguns haviam adormecido; mas a maioria ainda estava viva no momento em que ele escreveu (1Co 15).

À luz da narrativa de Atos, compreende-se que a doutrina de Jesus foi disseminada não apenas pelos doze apóstolos, mas também por esses homens e mulheres que ouviram os ensinamentos de Jesus e testemunharam sua ressurreição. Eusébio afirma que “Tomé, um dos doze apóstolos, sob inspiração divina, enviou Tadeu, que também estava entre os setenta discípulos de Cristo, para Edessa, como pregador e evangelista do ensino de Cristo”.<sup>39</sup>

Segundo a tradição da Igreja, Marcos fazia parte dos “Setenta” enviados por Jesus. Além disso, Paulo, por volta do ano 55 d.C., afirmou em 1 Coríntios 15.5-6, que a maioria das pessoas que haviam visto Jesus ressuscitado, ainda estava viva naquela época. Isso indica que muitas

---

<sup>37</sup> SCHAFF, 2014, p. 32752.

<sup>38</sup> SCHAFF, 2014, p. 3001.

<sup>39</sup> SCHAFF, 2014, p. 32753.

peessoas desempenharam um papel na propagação do evangelho. No entanto, eles reconheciam que Jesus havia designado especificamente os Doze como seus apóstolos, no sentido de exercerem autoridade sobre a Igreja, pois foram separados, treinados e receberam ensinamentos exclusivos de Jesus que não foram compartilhados com outros.

Os primeiros versículos do capítulo 13 de Atos descrevem como dois apóstolos foram separados, por ordem do Espírito Santo:

Na igreja que estava em Antioquia havia alguns profetas e doutores, *a saber*: Barnabé, e Simeão, chamado Níger, e Lúcio, Cireneu, e Manaém, que fora criado com Herodes, o tetrarca, e Saulo. E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando, e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram. Saulo e Barnabé pregam em Chipre. E assim, estes, enviados pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre (At 13.1-4).

Na passagem citada, Paulo e Barnabé são separados pelo Espírito Santo e enviados pela igreja. Conforme demonstrado, a dimensão do ministério de Paulo se iguala à dos doze apóstolos. No entanto, é nesse texto que Paulo assume com Barnabé seu ministério apostólico. “Ouvindo, porém, isto os apóstolos Barnabé e Paulo [...] (At 14.14)”. Ainda de acordo com Jerônimo, Barnabé era também um apóstolo. Pois afirma que “Barnabé, o Cipriota, também chamado José o Levita, apóstolo ordenado para os gentios com Paulo”.<sup>40</sup> Após um desentendimento com Paulo, Barnabé se separa deste e inicia uma jornada apostólica com seu sobrinho Marcos (At 15.36-39).

Esses apóstolos são homens separados pelo Espírito Santo e enviados pelas Igrejas, com o mesmo objetivo dos primeiros apóstolos: expansão do Reino de Deus através do estabelecimento de igrejas em lugares não alcançados; eleição de anciãos e diáconos; e promoção do “aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério [...]” (Ef 4.12) nas Igrejas que já existiam. O termo aperfeiçoamento, do grego *καταρτισμός* (*katartismós*) pode significar aperfeiçoar ou equipar.

Ao tomar como exemplo o ministério de Paulo e Barnabé, observa-se no livro de Atos um caráter desbravador, missionário e de manutenção das obras recentemente estabelecidas, em inúmeras passagens. Essas características podem ser observadas nas ações dos apóstolos ao retornarem e “confirmarem o ânimo dos discípulos, exortando-os a permanecer na fé, pois que por muitas tribulações nos importa entrar no Reino de Deus” (At 14.22).

Contudo, a autonomia da Igreja para eleger a quem seria recebido ou não como apóstolo indica uma mudança de posição em relação ao ministério apostólico. Inicialmente, os apóstolos instauraram a Igreja, definiam junto com ela os seus anciãos e diáconos e os instruíam nos fundamentos da palavra de Cristo. Quando essas Igrejas amadureciam, seus anciãos se tornavam os protetores da doutrina.

---

<sup>40</sup> SCHAFF, 2014, p. 35566.

Na história da Igreja, entre os anos 70 a 90 d.C., quando a grande maioria dos apóstolos já havia morrido,<sup>41</sup> o *Didaché*, texto amplamente utilizado pela Igreja primitiva, instrui como um apóstolo, enviado pelas igrejas locais, deveria ser recebido por uma outra igreja local:

Aqui está como você deve lidar com apóstolos e profetas de maneira consistente com os princípios do Evangelho. Acolha cada apóstolo que vem a você como se fosse o Senhor. Mas ele não deve permanecer por mais de um dia, a menos que haja alguma necessidade para ele fazê-lo. Se for esse o caso, ele pode ficar mais um dia. Se permanecer três dias, é um falso profeta. Quando o apóstolo partir, não leve nada consigo, a não ser pão, até que encontre um lugar para ficar. Se ele pede dinheiro, é um falso profeta.<sup>42</sup>

O texto mostra que existiam apóstolos transitando entre as igrejas locais e que eles deveriam ser respeitados. Também indica que as instruções visavam proteger a igreja local dos falsos apóstolos. Outro aspecto importante é que os apóstolos deveriam estar centrados em seu objetivo principal de empreender missões a cidades nas quais o evangelho ainda não era conhecido, sendo as igrejas locais utilizadas como parada para seu próximo destino. Infere-se que esses homens eram despojados de ambições materiais e de poder, tendo como única motivação a propagação do evangelho. Por fim, demonstra que existe uma diferença entre esse ministério e o que o apóstolo Paulo exercia, pois este havia ficado em cidades por mais de um ano: um ano e seis meses em Corinto (At 18.11) e dois anos em Éfeso (At 19.10). Sendo assim:

[...] é bastante impossível supor que as instruções [...] foram destinadas a se aplicar aos doze ou surgiram em uma época em que eles poderiam ter sido assim entendidos. Pois certamente os doze nunca caíram a um nível tão baixo no estigma da igreja que se considerou necessário proibir que permanecessem mais do que dois dias no máximo em qualquer igreja, ou recebendo algo mais do que a comida necessária para sustentá-los até o próximo lugar de parada. Aparentemente, portanto, a passagem vem de uma época em que os apóstolos como classe ainda estavam tão conectados em pensamento com os doze que a sentença que o evangelho aplica a eles poderia ser aplicada à então existente classe de apóstolos, mas quando os ainda vivos membros da classe haviam degenerado a ponto de serem vistos com suspeita.<sup>43</sup>

Irineu afirma que o apóstolo João viveu em Éfeso por muito tempo: “[...] a Igreja em Éfeso, fundada por Paulo, e tendo João permanecido entre eles permanentemente até os tempos de Trajano, é um verdadeiro testemunho da tradição dos apóstolos”.<sup>44</sup> Esses apóstolos, em suas obras missionárias, levaram o evangelho a lugares longínquos. Eles eram homens aprovados em suas igrejas locais e separados para a obra pelo Espírito Santo. Eles retornavam à igreja local e reportavam o que Deus havia realizado, o que é confirmado pelo texto:

---

<sup>41</sup> Eusebius of Caesarea. **Ecclesiastical History**. Book 2, Chapter 25; Book 3, Chapter 1, p. 23,31.

<sup>42</sup> OWLES, R. Joseph. **The Didache: the teaching of the Twelve Apostles**. Kindle Edition. 2014, p. 20.

<sup>43</sup> SCHMITHALS, 1969, p. 26, apud OWLES, 2014, p. 20. Kindle Edition.

<sup>44</sup> SCHMITHALS, 1969, p. 586.

E, tendo anunciado a palavra em Perge, desceram a Atália. E dali navegaram para Antioquia, onde tinham sido recomendados à graça de Deus para a obra que já haviam cumprido. E, quando chegaram e reuniram a igreja, relataram quão grandes coisas Deus fizera por eles e como abrisse aos gentios a porta da fé. E ficaram ali não pouco tempo com os discípulos (At 14.25-28).

O texto evidencia a volta de Paulo e Barnabé à igreja que os havia enviado. Chegando lá, reuniram a igreja para compartilharem os resultados do trabalho desenvolvido. Em seguida, Paulo parte para uma segunda viagem missionária, retornando novamente a Antioquia, conforme se encontra em Atos 18.22.

Na sua conclusão sobre os apóstolos mencionados na Bíblia, além dos Doze e de Paulo, Lopes afirma que nenhuma citação de outros apóstolos indica que:

[...] o termo “apóstolo” é usado no mesmo sentido em que é empregado para os doze e Paulo, como aqueles que foram chamados diretamente pelo Cristo ressurreto para serem testemunhas de sua ressurreição e lançarem o fundamento da igreja cristã. Eles são chamados de “apóstolos” no sentido mais amplo da palavra, como enviados, delegados, representantes, missionários, mensageiros das igrejas no desempenho de uma missão.<sup>45</sup>

Essa afirmação confirma o ponto de tensão sobre o debate dos apóstolos hoje, mas, ao mesmo tempo, traz clareza, definindo bem a distinção entre os dois grupos. Por outro lado, uma vez definida a existência de uma categoria diferente de apóstolo e a diferença entre os limites entre elas, o temor do uso do termo na atualidade recai em cuidado e não em uma base bíblica. É possível usar o termo apóstolo e, ao mesmo tempo, respeitar os limites de sua esfera de ação e autoridade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão que pode ser levantada é: seria possível utilizar outro termo como missionário e evitar o problema? A resposta a essa questão aborda a força apostólica na expansão do Reino. Mas para melhor entender a relação de autoridade de uma pessoa sobre a igreja ou igrejas, é necessário fazer uma análise do que se chama sucessão apostólica, ou seja, quem possui a autoridade para repassar as verdades recebidas dos apóstolos após a morte deles.

O termo “apóstolo”, evitado historicamente por diversas razões, ainda carrega um peso significativo na igreja moderna. A ressurgência de redes apostólicas e o uso indevido do termo por alguns líderes têm levado a uma cautela renovada em sua adoção. Isso destaca a necessidade de um entendimento mais profundo e bíblico do apostolado, diferenciando-o de meros títulos de autoridade e reconhecendo seu verdadeiro propósito na igreja.

## REFERÊNCIAS

BERCOT, David. **The Kingdom that turned the world upside down**. Amberson: Scroll, 2003.

---

<sup>45</sup> LOPES, 2014, p. 137.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Andragogia de Jesus: ensinar e aprender**. Curitiba: AD Santos, 2016.

ENNS, Paul. **Manual de Teologia Moody**. São Paulo: Batista Regular, 2008.

EUSEBIUS of Caesarea. **Ecclesiastical History**. Book 2, Chapter 25; Book 3, Chapter 1, 23, and 31.

GUSSO, Antônio Renato. **Gramática instrumental do grego: do alfabeto à tradução a partir do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

KAUNG, Stephen. **Seeing Christ in Hebrews**. New York: Christian Fellowship, 2014.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Apóstolos: a verdade bíblica sobre o apostolado**. São José dos Campos: Fiel, 2014.

OWLES, R. Joseph. **The Didache: the teaching of the twelve apostles**. S.l.: s.n., 2014.

PAPANDREA, James. **Reading the church fathers: a history of the Early Church and the development of doctrine**. Nashua: Sophia Institute, 2022.

PAWSON, David. **Unlocking the Bible**. Travelers Rest: HarperCollins, 2007.

SCHAFF, Philip. **The complete ante-Nicene & Nicene and post-Nicene Church Fathers Collection: 3 Series, 37 Volumes, 65 Authors, 1,000 Books, 18,000 Chapters, 16 Million Words**. Catholic Way Publishing, 2014.

SCHMITHALS, Walters. **The office of the Apostle in the Early Church**. Nashville: Abingdon, 1969.

WRIGHT, N. T. **Paul: a biography**. London: Happerone, 2018.

XENOFONTE. **Anábase**. São Paulo: 34, 2014.